

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DO SUJEITO MEDIANTE AS TRANSFORMAÇÕES DA GLOBALIZAÇÃO

Márcia Cristina Gomes Molina¹

Este artigo discorre sobre a identidade do sujeito pós-moderno em meio às mudanças contínuas e as novas tecnologias decorrentes do fenômeno da globalização. Inclui as dificuldades com as quais o indivíduo se depara na construção de identidade em virtude da volatilidade da contemporaneidade. Aborda também a dicotomia do sujeito e sociedade e a compressão do espaço-tempo como determinante nas transformações das relações sociais. No desenvolvimento deste, percebe-se o quão a concepção de uma identidade se tornou improvável e o indivíduo como coadjuvante das transposições e transições da “aldeia global”.

Palavras-Chave: Espaço Tempo. Globalização. Identidade. Mudanças.

This paper discusses the identity of the postmodern subject in the midst of continuous change and new technologies derived from globalization. It includes the difficulties with which the individual faces in the construction of identity because of the contemporaneity volatility. It also discusses the dichotomy of subject and society and the compression of space-time as a determinant in the transformation of social relations. In its developing, we can see how the concept of identity has become an unlikely and the individual as an adjunct of transpositions and transitions of the “global village”.

Keywords: Space Time. Globalization. Identity. Changes.

¹ Mestranda em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade Federal do ABC – UFABC. Professora universitária na Faculdade Anchieta – Unidade Faculdade Anhanguera de São Bernardo do Campo e nas Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU. – Email: marciaamolina@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

A pós-modernidade perpassa por inúmeras transformações decorrentes da globalização, fator determinante de mudança cultural na vida do sujeito e de seus hábitos, reestruturando completamente sua visão de mundo e a maneira de viver em sociedade.

O advento da globalização, a tecnologia da informação e a nova concepção de sociedade estabelecida pela pós-modernidade remete a reflexões acerca da identidade do sujeito inserido neste contexto, no qual as mudanças são rápidas, repentinas e constantes, impactando na dificuldade da construção de sua identidade.

Outra variável significativa a ser contemplada é a compressão do espaço-tempo como fator determinante na reestruturação das relações sociais em seu aspecto cultural e a dificuldade de configurar uma identidade ao sujeito pós-moderno.

Para compreender as questões de identidade do sujeito e a globalização como agente de mudanças nas relações sociais, é seguramente relevante averiguar os olhares acerca do sujeito e da sociedade através de várias perspectivas para que se possa refletir sobre as demais temáticas.

2. O SUJEITO E A SOCIEDADE: UM SÓ CORPO

Ao ilustrar a relação sociedade e sujeito, é imprescindível abordar a dicotomia entre esses objetos que são concebidos de maneira dual por inúmeros estudiosos das mais diversas áreas do conhecimento. Ao longo dos anos, o sujeito tem sido alvo de discussões que primam pela compreensão de seu papel na sociedade. À procura de respostas para sua ação em um contexto social, vários filósofos, sociólogos, historiadores e demais pesquisadores desenvolvem estudos que abordam o indivíduo e as relações sociais.

Elias (1994, p.23) descreve assim:

Cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem... São mais elásticas, mais variáveis, mais mutáveis, porém menos reais e decerto não menos fortes. E é a essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação às outras, a ela e nada mais, que chamamos de "sociedade".

O autor retrata a sociedade como algo indissociável do indivíduo, haja vista que as relações sociais são constituídas por meio da interação social. A sociedade é composta por um emaranhado de pessoas que entre si, criam, dão vida e consolidam relações interpessoais e interdependentes, por seguinte formam a sociedade.

Não há sociedade sem indivíduos e um inexistente sem o outro, tanto que cada ser humano é criado por outros, representando este, um papel social no qual o indivíduo crescerá dentro dos hábitos e crenças de uma família e de uma dada região, portanto, como afirma Elias (1994, p.19) "o indivíduo é parte de um todo maior, que ele forma junto com outros".

Traçando um paralelo, Bourdieu (1996) trata a ciência como indissociável da teoria na procura de conceber o sujeito como agente dinâmico e mutável em um universo social. Compreende as classes sociais como espaço social que se constitui a partir das influências culturais, econômicas e políticas de seus sujeitos, que modificará suas estruturas objetivas a partir da construção da subjetividade dos atores ali inseridos, através de uma pesquisa inseparavelmente teórica e prática. .

Para Durkheim (1999, p.28), "é preciso, portanto considerar os fenômenos sociais em si mesmos, separados dos sujeitos

conscientes que os concebem; é preciso estudá-los de fora, como coisas exteriores, pois é nessa qualidade que eles se apresentam a nós.". O autor afirma que as estruturas sociais estão a priori, independentes da ação do sujeito, visto que a sociedade é regulada como um imenso corpo social no qual cada um desempenha uma função específica de forma isolada e individual. Realiza o sujeito de forma autônoma e alheia ao universo que a compõe, portanto, contempla o indivíduo como fruto passivo da sociedade.

Diante desta dualidade e da atual conjuntura da vida contemporânea avaliamos que indivíduo e sociedade, não existem isoladamente e de forma unilateral. As mudanças que passamos ao longo da existência são decorrentes da ligação do homem e a sociedade, do pluralismo e não da individualidade como em uma grande teia. Em meio a essas reflexões há reconhecimento do sujeito como flexível, mutável e indissociável da sociedade, na qual assume inúmeros papéis de acordo com os costumes do seu meio.

A globalização é um fenômeno que contribuiu para a questão da identidade que sofreu significativas alterações culturais, desconstruindo a imagem de uma sociedade tradicional, dando vez à sociedade pós-moderna, a qual desponta como híbrida e imune à distância espacial ou temporal, solidificada como uma grande rede virtual. Não há nada que não esteja interconectado, o sujeito está interligado como fios entrelaçados nos quais estão presentes a intersubjetividade e a interdependência na construção de suas relações sociais e sua identidade.

2.1. A Identidade do Sujeito Transmutado

A teoria social tem atentado a questão da identidade do sujeito, considerada por muitos estudiosos em crise devido à avalanche de mudanças decorrentes da fugacidade e do dinamismo das transições e

transformações do mundo global. Frente à incógnita da possibilidade da construção de uma identidade e da improvável concepção de um modelo estereotipado de sujeito pós-moderno, pesquisadores buscam compreender o papel do hibridismo no desenvolvimento desta identidade.

Segundo Hall (2006), a identidade é objeto da interação entre o indivíduo e a sociedade e que o sujeito tem sua essência interior, no entanto é a partir da relação com diversos mundos culturais que sua identidade se estabelece. O autor contempla a identidade do sujeito em três concepções distintas para a reflexão acerca de um novo modelo de identidade através da articulação do sujeito do iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. O sujeito do iluminismo galgava-se no tradicionalismo, o sujeito sociológico era reconhecido como resultado da interação das relações sociais e de seu habitat e o sujeito pós-moderno conceptual da mobilidade, imprevisibilidade e insegurança da contemporaneidade.

Em um primeiro momento a identidade do sujeito, mesmo considerada extremamente complexa era objeto compreendido como uno, centrado, pleno fundamentado nas tradições e na estabilidade de suas relações sociais concomitantes a sua essência já desenhada, compreendida como algo preconcebido, inquestionável e referência a ser seguida. O iluminismo concebeu o sujeito como um indivíduo centrado e unificado, enraizado no tradicionalismo haja vista o conceito de que tudo lhe era pré-estabelecido ao nascer, como verdade e destino irrefutáveis.

Enquanto a concepção de sujeito sociológico era o retrato da complexidade do mundo moderno desconstituído da autonomia que lhe foi inferida no iluminismo, pautado na interação do "eu" e das "pessoas as quais lhe eram caras", que lhe imbuíam os valores, signos, símbolos que culturalmente

permeavam o mundo em que habitava sem muitas inconstâncias e que lhe soava previsível, impactando em certa estabilidade.

Na pós-modernidade, o sujeito se depara com outro cenário, solapado por uma avalanche de informações, de transformações e repleto de inseguranças e dúvidas, sua identidade é interpelada constantemente pela efemeridade dos aspectos da vida contemporânea, na qual nada é reconhecido como inabalável e uno, tudo é líquido.

Líquido é o termo utilizado por Bauman (1998) para ilustrar a voracidade com a qual as mudanças impregnam, destroem e impossibilitam qualquer vestígio de estabilidade e segurança na pós-modernidade. Tudo se tornou provisório e temporário, tornando inviável e inconcebível realizar projeções de longa duração que tenham intuito de solidificar qualquer ação longínqua. Não há possibilidade de construir alicerces em terras movediças, nem tão pouco em uma sociedade pós-moderna compreender a identidade do sujeito de forma estanque. Vivemos em uma sociedade fluida, atemporal e volátil que desmistifica qualquer possibilidade de retrocesso à rigidez na construção de uma identidade.

Bauman (1998) se tornou impossível conceber modelos de identidades estereotipados, haja vista que a estratégia da pós-modernidade é fazer com que a identidade flua e nunca se fixe. Permeando o movimento da vida contemporânea, a adaptabilidade e um futuro incontrolável compõem o estigma de que a identidade do sujeito é maleável, líquida tal qual a água que é incapaz de adquirir um formato.

De acordo com Hall (2006), os antigos parâmetros de identidade que moldavam o mundo social estão sendo desconstruídos. A questão da identidade do sujeito subentendida como um ser unificado e estável retratada no iluminismo foi substituída pela concepção do sujeito pós-moderno

caracterizado como indivíduo fragmentado, mutável e até mesmo “descentrado”, considerando que a facilidade de locomoção, a miscigenação das raças, a nacionalidade, a diversidade e abertura de mercados, contribuem para que o indivíduo assuma diversas identidades em diferentes momentos e que são alteradas de forma contingencial.

Essas variáveis contribuem para um novo pensar acerca do ser, que frente à volatilidade e a imprevisibilidade da sociedade moderna, concebe o sujeito pós-moderno como resultado de várias identidades culturais, tornando-o provisório, variável e sem identidade fixa.

O sujeito da pós-modernidade sofre influências da inconstância dessa nova sociedade global na qual a efemeridade e o imediatismo permeiam a insegurança da vida contemporânea e faz com que o sujeito mude, adapte-se e viva em estado de constante flexibilidade descartando qualquer possibilidade de construção de identidade.

O sujeito pós-moderno é híbrido e como tal não há como rotular, caracterizar ou personalizar sua identidade, sendo que essa se apresenta em um processo contínuo de transformação deliberado pelas relações sociais que se encontram globalizadas.

A abordagem de Hall é complementada por Elias, ao estabelecer as relações sociais como interdependentes na qual o indivíduo é influenciado pelos traços de sua criação, instituídos em um primeiro momento pela família, depois pelo país em que vive e pelo contexto no qual está inserido, implicando em novas visões de mundo e sendo ressignificada constantemente.

Podemos averiguar que o indivíduo interioriza conhecimentos enraizados pelos seus antepassados e compartilhados ao longo de sua trajetória de vida, porém estes sofrem modificações conforme os anos e o comportamento das pessoas com as quais convive.

Segundo Elias (1994, p.18), “a sociedade é o objetivo final e o indivíduo é apenas um meio, o indivíduo é o objetivo final e a união dos indivíduos numa sociedade é apenas um meio para seu bem-estar” e elucida que ao nascer cada indivíduo é diferente em sua compleição natural, mas é inserido na sociedade que a criança se transforma em um ser mais complexo.

Entende-se que a análise sociológica é responsável por promover o conhecimento do agente social, portanto, singular na construção de uma sociedade altamente mutável, desmistificando a imagem de sociedade constituída ou pré-concebida defendida por alguns autores.

GIDDENS, 1990 apud HALL (2006, p.15) cita o ritmo e o alcance das mudanças como responsável pela transformação social, particularmente no conceito de tempo e espaço. “À medida que as áreas diferentes do globo são postas em interconexão umas com as outras, ondas de transformação social atingem virtualmente toda a superfície da terra.”

Ao analisar o pensamento do autor podemos fazer alusão à relevância da tecnologia da informação neste contexto, sobretudo da Internet que remodelou as relações sociais, extinguiu a dicotomia de tempo e espaço e descentralizou o poder dos veículos de informação e comunicação existentes. As novas tecnologias e a internet desenvolveram novas práticas que culminaram em transformações significativas no aspecto social que corroboraram em novas maneiras de se relacionar e de democratização de conhecimento. Essas mudanças foram decisivas para que compreendêssemos a sociedade em sua contemplação atual. Sem limites, sem fronteiras, sempre em movimento e em constante estado de inquietação.

Para Muraro (2009, p.47), “[...] cada descoberta tecnológica ‘maior’ implica uma ascensão de vida da humanidade como um

todo, na conquista de formas superiores de cultura, que podem chegar até a libertar dentro do ser humano novas formas de pensamento, novas formas de ser” e afirma que o desenvolvimento de uma nova tecnologia impacta na construção de um novo ambiente humano.

A cada nova invenção tecnológica observa-se a construção de novas culturas e de novas relações sociais que se estabelecem por meio de novos estímulos a um dos sentidos. Na contemporaneidade é a tecnologia que preconiza a maneira das pessoas se relacionarem, de agir, de pensar. É um novo horizonte que vislumbra repaginado virtualmente.

3.GLOBALIZAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES MULTIFACETADAS

O capitalismo e a globalização são apontados como fatores preponderantes na construção das relações sociais, decorrentes de um modelo sociológico interativo. Tendo como base esses parâmetros subentende-se que não há nada absoluto, nem tão pouco imutável, visto que em uma sociedade globalizada, exposta às mais adversas circunstâncias, tudo é relativo e a diversidade cultural apresenta-se como enriquecimento universal para todos.

Para a compreensão da globalização como agente da transposição de fronteiras no desenvolvimento de um conceito de “aldeia global” como um divisor de águas no aspecto cultural, econômico e político da sociedade e reconhecida como um fenômeno do capitalismo que revolucionou irremediavelmente as relações de trabalho, o convívio social e o papel do Estado, é necessário traçar um breve cenário para contextualização da história até o momento atual para o entendimento do mundo global.

O século XVIII foi marcado por grandes transformações oriundas da

Revolução Industrial que é reverenciada como marco do capitalismo devido à nova forma de viver, esta revolução alterou hábitos e costumes decorrentes da automação e da massificação do trabalho, perceptíveis nas relações de trabalho que até então eram estabelecidas apenas no âmbito familiar, no qual as atividades eram realizadas de forma manual e artesanal.

Surge então um novo sistema produtivo embasado na fabricação de mercadorias e na divisão de trabalho, que desconsidera as habilidades manuais e prioriza a utilização de maquinários para fazer as mercadorias. O trabalho no mundo capitalista é reconhecido como uma produção de mercadorias que propõe a ideia da sociedade como um depósito de mercadorias caracterizado por Karl Marx como uma relação de poder enraizada na desigualdade social.

A queda do Muro de Berlim em 1989 configura como marco emblemático da globalização, institucionalizado como simbologia de uma nova era que desabrocha para um processo de internacionalização da economia, com ênfase na tecnologia e transformando uma sociedade antes de produção em uma sociedade de consumo.

Para Santos (2003, p.26), “a globalização é a intensificação de relações sociais mundiais que unem localidades distantes de tal modo que os acontecimentos locais são condicionados por eventos que acontecem a muitas milhas de distância e vice versa”. Configurando uma nova forma de viver em sociedade, que antes era delimitada por linhas limítrofes imaginárias, dando lugar ao conceito de totalidade, no qual todos interagem, eliminando por completo qualquer resquício de individualidade.

Ianni (1997, p.7) afirma que “a globalização do mundo expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de

alcance mundial”. O conceito de civilidade nos remete aos estudos de Elias (1994) nos quais as relações sociais são responsáveis pela civilidade do indivíduo e que o processo civilizatório não deve ser compreendido como algo criado por indivíduos isolados, mas em um processo realizado conjuntamente pelos indivíduos e sociedade. A globalização neste sentido desponta como um processo de reestruturação das relações de trabalho e das relações sociais que são institucionalizadas pela interação do indivíduo e a sociedade.

Fazendo uma analogia entre Elias e Ianni, é instigante entender o processo civilizatório como um processo em constante transformação, no qual a cultura identifica grupos, demarca diferenças, constrói padrões e os modifica de acordo com a tecnologia, os avanços do conhecimento científico, a religião, os costumes pertinentes ao meio em que o sujeito está inserido. Verifica-se que a cultura e a civilização são conceitos atrelados e valorados a partir de tradições compactuadas por pessoas que vivem em seu meio, formado de crenças, hábitos e costumes, constituído de necessidades coletivas de expressão, ou seja, construção de identidade que é ressignificada à medida que funções e experiências são transmutadas.

A globalização é um fenômeno determinante na construção dos parâmetros da sociedade pós-moderna, compreendida de maneira elástica, virtual e abrangente que descaracterizou padrões paradoxos e lineares que “costuravam” a vida social. Compreende-se esta “aldeia global” como um novo processo civilizatório realizado por meio das transições e modificações de hábitos, costumes, crenças, valores, eliminação da dicotomia tempo e espaço e concebido como o renascer de uma nova era digital, customizada e em constante processo de aprendizagem.

3.1. A Dualidade do Espaço Tempo na Construção da Identidade

No mundo contemporâneo o aspecto dicotomizante da relação espaço-tempo foi descaracterizado pela globalização que eliminou fronteiras, comprimiu distâncias e redesenhou uma nova maneira de viver. Não há espaços que sejam inatingíveis nem tão pouco tempo que possa ser computado, as barreiras limítrofes até então estabelecidas dão vez a uma nova concepção atemporal e comprimida do espaço, no qual a identidade do sujeito pós-moderno se repagina continuamente.

Para Hall (2006), “[...] a ‘compressão espaço-tempo’, a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas [...]” (p.69). A aceleração propiciada pela globalização se traduz em uma necessidade irremediável de mudança contínua e a sensação de que estamos sem tempo e que não há mais espaços limitados, causam insegurança e desmistificam qualquer indício de centralidade e estabilidade do sujeito das sociedades pré-modernas.

A globalização e todo avanço tecnológico contribuiu para que a noção de tempo e espaço, antes subentendida como um dos principais pilares da construção de identidade do sujeito desmoronasse e surgisse um novo sujeito fragmentado, descentrado e destituído de qualquer meio de representação. Tendo em vista que o meio de representação infere-se a escrita, pintura, desenho, fotografia que traduzem o objeto em dimensões temporais e espaciais, que denotam aspectos culturais, que concebem sua identidade.

A volatilidade da contemporaneidade impede que esse processo de representação se fixe e regule a identidade do sujeito, desestruturando qualquer probabilidade de modelo de identidade e o sujeito se torne passivo e impotente frente essa transformação.

Nas sociedades pré-modernas, o espaço e o tempo representavam variáveis previsíveis e fáceis de serem contempladas e compreendidas pela sociedade, haja vista que as identidades eram constituídas no espaço e no tempo simbólico. De forma lúdica, delimitadas pelas relações sociais e do local em que o sujeito estava inserido.

Na pós-modernidade, a identidade do sujeito tem sido configurada de forma contingencial, haja vista a ânsia e o imediatismo que representam a vida moderna, o que faz da versatilidade e da instabilidade características do sujeito pós-moderno.

Com a globalização e principalmente a Internet, temos a sensação de que o tempo se tornou escasso e que o espaço é conquistado em apenas um ‘click’, como se o mundo estivesse ao nosso alcance. Ao mesmo tempo convivemos com a segurança da perda da identidade e da incompreensão de quem somos de verdade. À medida que as mudanças solapam nossa vida, construímos novas relações sociais e novos meios de convivência, de viver em sociedade. Como exemplos de identidade a serem seguidas. A reconfiguração e a adaptabilidade são características da identidade da pós-modernidade e se apresentam como “moeda” da sociedade global.

A globalização comprimiu e modificou a compreensão do espaço-tempo reafirmando a improbabilidade de uma identidade.

A cada revisitação e tentativa de construção de identidade, o sujeito se depara com a aceleração da vida pós-moderna e a certeza de que é improvável estabelecer uma identidade fixa em um mundo dinâmico, fugaz e imprevisível.

Tem-se a sensação de um estado pleno de urgência, no qual, ao sinalizar uma luz vermelha, é preciso se reconstruir e dar vez a um novo mutante, um novo papel, um

novo personagem, adequado ao contexto e a localidade que lhe é designado.

Portanto, observa-se a globalização como fator determinante no desenvolvimento da sociedade pós-moderna, recriando aspectos culturais, eliminando a dualidade de espaço-tempo e concebendo a identidade do sujeito como descentrada frente ao volume de informações e a velocidade com que as mudanças acontecem na vida global.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa em questão contemplou as mudanças profundas e significativas da vida pós-moderna que resultaram na concepção de um novo sujeito que à luz da globalização e da tecnologia emerge como um indivíduo fragmentado, volátil e flexível, exposto a um novo contexto de vida social. Neste cenário são desconsiderados na construção de identidade do sujeito as raízes, ou qualquer vestígio que leve a contemplação do tradicionalismo inviabilizando qualquer possibilidade de construção de identidade padrão.

O sujeito pós-moderno surge como uma incógnita, mutável e efêmero em meio às transições e transformações do mundo contemporâneo. A instabilidade e a insegurança permeiam a essência de um indivíduo concebido em um momento histórico no qual não há espaço para modelos preconcebidos e estereotipados que ao sujeito fragmentado, descentrado e instável.

Diante deste cenário fica a insegurança e a incerteza do mundo pós-moderno, serão mesmo irrelevantes as experiências passadas na construção de identidade do sujeito? A linha tênue que divide a humanidade antes e depois da globalização foi realmente o marco de transformações ou estávamos tão ocupados em meio as nossas reflexões que não percebemos o avanço para essa era global?

Enfim, essas e outras questões são inquietações a serem exploradas e explicitadas em outro momento que seja propícia a continuidade desta pesquisa.

7. REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

DURKHEIM, Émili. As regras do método sociológico. Trad. Paulo Neves e revisão da tradução Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos Indivíduos. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

IANNI, Octavio. A Era do Globalismo. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MURARO, Rose Marie. Os avanços tecnológicos e o futuro da humanidade. São Paulo: Vozes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A Globalização e as Ciências Sociais. São Paulo: Cortez, 2002.